Apoio:

Patrocínio:

Realização:

O Homem Que Fumava

O Homem Que Fumava

Numa grande cidade vivia uma vez um homem que passava o dia inteiro fumando. Não se lembrava de comer nem de beber; só pensava em fumar. Tinha um cachimbo comprido, com bonito fornilho de porcelana onde ele punha tabaco fino e tabaco forte; depois o acendia e soltava colunas de fumaça até o céu.

Possuía também uma linda piteira de âmbar com a qual fumava todos os charutos e cigarros que podia conseguir. Quando acabava o tabaco, metia no cachimbo ou na piteira o que encontrava, fumando alegremente papel, madeira e couro; em tempos de penúria aproveitava até as pedras!

Um dia a esposa dele comprou no mercado três peixinhos, que pensava fritar para ela e os filhos. O marido nem os provaria, porque ele só gostava de fumar.

Enquanto a mulher foi à rua comprar um pouco de manteiga, para fritar os peixes, o homem, que tinha ficado mais uma vez sem fumo entrou na cozinha,

apanhou os três peixinhos e se preparou para meter um deles no cachimbo. Mas antes que pudesse fazer isto, levou um susto terrível, porque um dos peixes abriu a boca e começou a falar que nem um ser humano, apenas, porém com mais delicadeza.
- Eu quero ser comido, e não fumado disse ele.
Quando o homem voltou a si da surpresa, agarrou o peixe pela cauda e disse, furioso:
- Serás fumado, e o mesmo acontecerá com os teus irmãos!
- Não! Nós queremos ser comidos, e não fumados! - sussurrou novamente o peixinho.
O fumo faz muito mal para nós.
- Que bem me importa! - respondeu o fumante. - Vou meter-te agora mesmo dentro do cachimbo!
Mas o peixinho escapou da mão dele e, saltando para o chão, se levantou apoiado na cauda e disse:
- Escuta. Nós somos três irmãos, filhos do Rei dos Peixes. Se não nos fizeres nenhum mal e nos devolveres ao nosso pai, receberás com que fumar até o fim dos teus dias.
Ouvindo isto, o fumante coçou a orelha direita.
- E se me enganares? - perguntou, desconfiado.
- Nós não somos sêres humanos! - respondeu indignado o peixe. - Nós somos peixes honestos! - Não conhecemos o significado da palavra “enganar”!
- Está bem! - resmungou o homem. - Farei como dizes.
Imediatamente os levou até o rio e os atirou à água, onde os três afundaram alegremente, desaparecendo dentro de poucos segundos.
O homem esperou, esperou. . . De repente as águas se abriram e um enorme peixe vermelho, com uma

coroa de ouro na cabeça e brilhantes esmeraldas em todas as escamas, apareceu na superfície. Nadou até a margem e, dirigindo-se para o fumante, disse-lhe com voz amável:
- Agradeço-te, filho do homem, por teres devolvido meus filhos. Já pensava que nunca mais iria vê-los. Por isto vou premiar-te. Dou-te três coisas com as quais poderás satisfazer tua vontade de fumar. Primeiro, um cesto de pescador no qual poderás colocar qualquer coisa do mundo e logo fumá-la. Segundo, uma comprida corda. Com ela poderás segurar o que quiseres, e logo fumar. Por último, um caniço de pescar, com o qual poderás apanhar tudo o que desejares, e transformar em fumo. Mas escuta este conselho: procura, filho do homem, não alterar a ordem do universo, porque do contrário sofrerás um tremendo castigo.
- Por que eu iria fazer isto? - respondeu o homem. - Podendo fumar sem parar, não me meterei com ninguém no mundo!
Dizendo isso, voltou alegremente para casa, com os três presentes do Rei dos Peixes, que de novo desapareceu dentro d'água.
Pouco depois o homem se viu sem nada para fumar. Apanhou o, cesto, foi ao jardim do seu vizinho e carregou a casinha do cachorro. A seguir voltou para casa e a fumou. Como tinha esquecido de tirar o cachorro do canil, também fumou o animal. Então a sua fome de fumar aumentou tremendamente. Apanhou outra vez o cesto, e em pouco tempo o encheu com todas as casas da rua e as fumou. E com elas fumou as luzes de gás, as calçadas, as cortinas, e até o enorme lampião elétrico, as

estacas de pedra e tudo o mais. Não perdeu nada; tudo foi parar em seu cachimbo.
Assim, em pouco tempo havia fumado a cidade, inclusive as igrejas e escolas!
Então sentou-se, muito preocupado, pensando no que mais poderia transformar em fumo.
Apanhou a corda e se dirigiu para os bosques. Arrancou uns arbustos e os fumou, como se fossem cigarros. Depois arrancou uma árvore enorme, arrastou-a para fora do bosque e a fumou como se fosse um charuto. Por fim, de todo o bosque, só restava um enorme carvalho, embaixo do qual seu avô e seu bisavô tinham brincado quando eram pequenos. O carvalho também não foi poupado. Rapidamente o fumante amarrou nele sua corda e, pondo-o abaixo, o fumou até que da linda árvore só restou um montinho de cinzas.
Assim, todo o bosque foi transformado em fumo. Em todo o mundo já não havia mais nada para ele fumar.
O homem voltou para sua casa e ficou muito triste, olhando para o cachimbo e para a piteira vazia. De repente seus olhos deram com o caniço de pescar que o Rei dos Peixes lhe havia dado.
- Estou arranjado! - exclamou. Apanhou o caniço e saiu de casa.
Era noite; a Lua brilhava alegremente sobre a terra, e as estrelas piscavam no céu.
O homem sacudiu o caniço, e com o anzol prendeu uma estrela. Embora esta procurasse lutar com ele, não conseguiu nada, e foi metida no cachimbo; sua tampa se fechou sobre a pobre estrelinha, que foi completamente fumada.

Cada noite o homem pescava uma estrela que dava para ele fumar o dia inteiro. Por fim, certa noite, o céu apareceu totalmente vazio de estrelas.
O homem, sem hesitar nem um momento, atirou o anzol, e sabem o que pescou? . . . A Lua!
Levou dois anos inteirinhos para acabar com ela, mas um dia se viu outra vez sem nada para fumar.
Era de manhã, e o homem saiu de casa.
O Sol iluminava a terra com seus melhores raios, alegrando todas as coisas vivas. As flores se abriam às carícias do astro do dia e os homens caminhavam felizes, aquecidos por ele.
Naquele instante o fumante atirou para o ar o seu anzol, e conseguiu pescar o próprio Sol!
Sem nenhuma hesitação, puxou o Sol para a terra e, de repente, toda a vida cessou, no mundo. A escuridão foi total, as flores murcharam, os animais se meteram em seus covis, e os homens, amedrontados e muito tristes, caminharam para a morte. Reinava a maior confusão na superfície da Terra.
As águas invadiram as planícies, cobrindo plantas e animais. Quando alcançaram o homem que fumava - que, cheio de assombro, estava sentado junto do Sol - um enorme peixe pôs a cabeça de fora. Estava tão furioso que a sua coroa de ouro caiu, e as esmeraldas de seu corpo brilhavam furiosamente, como se fossem raios ardentes.
- Malvado! — gritou o Rei dos Peixes. - Eu não te avisei? Tu alteraste a ordem do universo, e vais pagar pelo teu crime!
Quebrou a piteira de âmbar e o lindo cachimbo de porcelana, depois agarrou o fumante pelos cabelos

e o arrastou para dentro d’água. E nunca mais ele foi visto por ninguém!
O Sol voltou para o céu, e seus poderosos raios fizeram surgir novas estrelas das cinzas das outras antigas, as casas e os bosques tornaram a ser feitas. E tudo ficou como era antes, e só o fumante nunca mais voltou!

FIM